



Narrativas de pessoas LGBTI: descobertas, violações e enfrentamentos

(Narratives of LGBTI people: discoveries, violations and confrontations)

(Narrativas de personas LGBTI: descubrimientos, violaciones y enfrentamientos)

Livro resenhado: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs*. Brasília, DF: CFP, 2019. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/06/CFP_TentativasAniquilamento_WEB_FINAL.pdf.

Acesso em 19 de novembro de 2020.

Pablo Mateus dos Santos Jacinto¹

Em um cenário de forte discriminação das identidades não cisgêneras e não heterossexuais, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) emplaca a aprovação da Resolução CFP Nº 01/1999. Esse documento foi um marco ao regulamentar as práticas profissionais de psicologia no que se refere às orientações sexuais, prevendo sanções a ações que perpetuassem opressões e violências contra esse quesito da sexualidade. Quase duas décadas depois, o CFP aprova a Resolução CFP Nº 01/2018, reverberando tais orientações às práticas profissionais no contexto de distintas identidades de gênero.

Tal movimento de constante debate e busca pela afirmação e quebra de estereótipos da população que não se enquadra no perfil cisgênero e heterossexual culminou, dentre outros desfechos, na publicação da obra *Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTIs*, em 2019. A obra foi organizada pelo Conselho Federal de Psicologia, por intermédio da Comissão de Direitos Humanos. Contou com a participação da referida comissão em âmbito federal, acrescida da colaboração das comissões de Direitos Humanos dos Conselhos Regionais de Psicologia distribuídos pelos estados brasileiros.

O livro é composto de nove capítulos que apresentam trechos de narrativas com experiências protagonizadas por pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais (LGBTI). Tem como objetivo dar voz a essas pessoas, explicitando suas vivências a

1 Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: pablojacintopsi@gmail.com.



partir de narrativas em primeira pessoa, valorizando quase que exclusivamente o conteúdo apresentado por esses sujeitos. Os relatos apresentados ao longo dos capítulos foram coletados através de pesquisa de campo aprovada em comitê de ética. Participaram 32 pessoas das cinco regiões brasileiras, com alta variabilidade nos quesitos orientação sexual, identidade de gênero, escolaridade, idade e raça/cor.

O primeiro capítulo, intitulado "O simples fato de ser LGBTI fez com que eu sofresse tudo isso" tem como objetivo apresentar relatos generalizados sobre macro e microviolências experienciadas em distintos contextos, com ênfase aos espaços públicos. O segundo capítulo, intitulado "Em nome da família, a minha vida se tornou uma grande aflição", foca em violências experienciadas no contexto familiar. Nesse caso, enquanto membros de um contexto sócio-histórico que valoriza a família como instituição de proteção (RAMOS; NASCIMENTO, 2008), o contraste dessa expectativa com a posição da família algoz acaba por potencializar os impactos subjetivos das violações provocadas. Já no terceiro capítulo, "Negam quem eu sou ao inventarem origens para a minha orientação sexual e expressão/identidade de gênero", o tema central é a tentativa da sociedade, munida de discursos de ódio e estereótipos negativos, de justificar as condições de orientação sexual e identidade de gênero. Observa-se que essas justificativas se pautam na não cisheteronormatividade como algo "anormal" e mitos sobre a origem desse suposto erro são elencados com base em argumentos biológicos, religiosos, sócio-relacionais e desenvolvimentais.

O quarto capítulo é nomeado "Foi assim que os processos de busca para tentar deixar de ser quem sou se iniciaram" e abre espaço para um dos trechos mais críticos da obra. Em um cenário no qual o CFP se preocupa com veemência em repudiar ações voltadas para supostas curas e tratamentos a condições não cisheteronormativas, esse capítulo narra experiências motivadoras para a busca desses procedimentos. Procedimentos esses que, em momentos de extremo sofrimento, ganham um *halo* positivo, sendo promessas de uma libertação não de uma condição humana imprópria, mas das consequências de uma não aceitação social. O capítulo seguinte, "Tentaram fazer com que eu deixasse de ser LGBTI por meio de procedimentos e programas" descreve como são tais procedimentos, revelando práticas de instituições religiosas, médicas ou tratamentos psicológicos. As autoras ressaltam acerca do padrão das intervenções adotadas, sendo as pessoas trans, travestis e intersexo mais propensas a serem encaminhadas a procedimentos de ordem médica, enquanto demais categorias sendo mais direcionadas a instituições religiosas.

O sexto capítulo, intitulado "As experiências de preconceito, violência, ódio e exclusão me fizeram sofrer intensamente", retoma a dimensão do sofrimento decorrente do preconceito e



não aceitação convertida em ódio a essa população. Um diferencial nessa parte é a evidência dos efeitos de tais violações, sendo explicitados pelas vítimas em manifestações psicopatológicas, ideações suicidas, apatia e abusos de substâncias psicoativas. As intervenções promovidas por profissionais de psicologia, a despeito do acúmulo de saberes dessa ciência, bem como das resoluções orientativas do Conselho Federal de Psicologia, são narradas no sétimo capítulo, nomeado “nas intervenções ‘psicológicas’ reproduziram seus preconceitos e moralismos”. A obra evidencia falhas éticas elencadas por esses profissionais, bem como os efeitos concretos das violações do Código de Ética Profissional da(o) Psicóloga(o) em sujeitos reais.

O oitavo e o nono capítulos, intitulados consecutivamente “Foi assim que eu consegui enfrentar e resistir” e “encontrei profissionais que me acolheram como eu sou” tematizam estratégias de superação aos sofrimentos narrados. Essas estratégias envolviam, principalmente, atitudes pessoais, autoconhecimento, suporte social e auxílio profissional. Nesses capítulos, fica evidente que a solidão apresentada pelas(os) participantes nos demais trechos das narrativas era oriunda de um cenário de preconceito que oculta possíveis formas de enfrentamento e uma rede fortalecida que busca ativamente se contrapor às violações impostas pelas instituições, pessoas e discursos que associam a cisheteronormatividade à normalidade enquanto desqualificam outras expressões da existência humana.

Cada trecho relatado inicia com informações sobre a pessoa que os relata, auxiliando o leitor a compreender de onde parte aquele discurso: orientação sexual, identidade de gênero, raça/etnia e idade. A leitura atenta permite que conheçamos melhor cada participante, ainda que suas narrativas estejam fragmentadas ao longo da obra. Ademais, é perceptível como as tecnologias de violência se manifestam de modo distinto a depender de cada categoria em que a pessoa se encaixe.

Ao longo da obra, não se manifesta uma adesão teórica específica, embora esteja evidente que os Estudos Feministas e de Gênero e a Teoria Queer subjazem aos posicionamentos das autoras. Entretanto, a obra possui um caráter de apresentação de resultados, se limitando a categorizar os discursos coletados através da pesquisa de campo, os quais não passaram por processo analítico aprofundado. O que poderia ser lido como fragilidade, na verdade é um convite a pesquisadoras(es) da temática que podem acessar os dados expostos em estado bruto para construir novos saberes a partir de análises próprias acerca do material disponibilizado.

Pesquisador(a) ou não, a depender da(o) interlocutor(a), cada história tende a gerar um impacto distinto. O livro consegue aproximar as narrativas às experiências de vida de leitoras(es) que, por fazerem parte de categorias que protagonizam a obra, presenciaram situações semelhantes na condição de vítimas. Por outro lado, os textos também despertam a atenção a



peçoas que entraram em contato com essas violaçoões a partir da posiçoão de expectador(a), na condiçoão de profissionais de saúde – especialmente de psicologia – que, em algum momento, acolheram peçoas LGBTI. Dessa forma, o material firma um posicionamento do Conselho Federal de Psicologia em relaçoão à defesa e valorizaçoão das diversas identidades de gênero e orientaçoão sexual, assim como se estabelece como mais uma ferramenta de orientaçoão voltada a psicólogas e psicólogos atuantes em todos os campos. Destaca-se a gratuidade do material, podendo ser acessado por qualquer peçoas no site oficial do CFP, bem como a ampla divulgaçoão promovida de modo capilarizado pelas Comissões de Direitos Humanos de instâncias Federal e Regionais.

Conclui-se, após leitura e reflexão, que o livro é adequado às discussões sobre práticas psicológicas voltadas para peçoas LGBTIs. A possibilidade de ter contato com relatos reais pode auxiliar na preparaçoão de profissionais de psicologia para atuar com esse público. Em contrapartida, a obra não se propõe a elencar aprofundamentos teóricos sobre a temática, o que pode ocasionar um aproveitamento incompatível com seu potencial quando lido por peçoas com pouco embasamento teórico-conceitual sobre os campos abordados. Nesse caso, os conteúdos despertam interesse à(ao) leitor(a), que acaba sendo incentivada(o) a alcançar materiais complementares que auxiliem o entendimento das discussões disponibilizadas na obra. Por fim, é importante apresentar um alerta, já que a violênci, protagonista de grande parte dos trechos em destaque, pode despertar memórias e afetos não simbolizados àquelas(es) que, de alguma maneira, se empatizam às(aos) participantes.

Referências

RAMOS, Danielle Marques dos; NASCIMENTO, Virgílio Gomes do. A família como instituiçoão moderna. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 461-472, Dec. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922008000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em 19 Nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922008000200012>.

